



GT 33. Enlaces e emaranhados: antropologia, etnografia e culturas populares

Coordenador(es):

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Cultura Popular: narrativas e interpretações

Debatedor/a: Renata de Sá Gonçalves (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2 - Cultura, Folclore e Patrimônio

Debatedor/a: Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Debatedor/a: Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA - Universidade Federal do Pará)

O grupo visa investigar diferentes construções discursivas nos estudos das culturas populares. Busca alargar nossa compreensão de tais estudos ao refletir sobre os enlaces e emaranhados existente entre literatos, antropólogos, estudiosos do folclore, promotores de festejos e de folguedos e demais agentes que ajudaram a um só tempo a conhecer novas realidades e a produzir visões mais ou menos canônicas a seu respeito. Desde os anos 1980, a experiência etnográfica reconfigurou-se na antropologia com a associação mais crítica da pesquisa de campo a sua resultante apresentação escrita. Questionaram-se hierarquias entre pesquisadores e sujeitos enfocados; reconheceram-se estratégias narrativas e recursos ficcionais nos textos produzidos. Com esse ponto de partida, enfocamos a presença da perspectiva etnográfica nos estudos antropológicos das culturas populares, problematizando seus enquadramentos conceituais - arcaísmo, primitivismo, sobrevivência; cooptação, resistência, resgate; dinâmica, circuito ou patrimônio culturais; conhecimentos e territórios tradicionais, entre outros. Por culturas populares entendemos um ambiente sociocultural heterogêneo com especificidades históricas, regionais, religiosas, étnico-raciais, no qual estão em jogo mediações, inovações e múltiplas redes de relação e trocas culturais, distintas formas rituais e expressivas. Trata-se, entretanto, de focar especialmente os registros documentais e a produção bibliográfica resultante de tais estudos.

?A estrela que me botou em tudo quanto é universo?: encontros entre um poeta de cordel e pesquisadores e instituições de proteção e apoio às expressões folclóricas

Autoria: Ana Carolina Carvalho de Almeida Nascimento (Fundação Biblioteca Nacional), Ricardo Gomes Lima

A comunicação visa explorar nas narrativas e registros documentais deixados pelo poeta Jota Rodrigues (Águas Belas, PE, 1934 ? Nova Iguaçu, RJ, 2018) os sentidos dados por ele ao encontro com pesquisadores e gestores de instituições públicas de proteção e apoio às expressões folclóricas para a realização de seu projeto de ser poeta de cordel. Jota deixou registros sensíveis de seus percursos: uma extensa produção de folhetos de cordel, xilogravuras, desenhos, materiais didáticos, documentos, objetos, fotografias, entrevistas gravadas em áudio e vídeo, textos e memórias de sua família e de professores, pesquisadores e jornalistas com quem seus caminhos se cruzaram. Jota narrava sua vida a partir de histórias, filosofias, das imagens e objetos que apontava nas paredes do centro cultural que ergueu em sua casa e das cicatrizes em seu corpo. Na narrativa, organizava a vida em torno de certos marcos, encontros com pessoas que provocaram transformações e aprendizados fundamentais. Colocando tudo em relação, como uma sucessão de crises, dava um sentido aos caminhos que percorreu e lugares que conquistou. Enquanto narrava, a cada novo personagem introduzido, recuperava retrospectivamente a história, contando e recontando com riqueza de



detalhes e informações muitas vezes a sua vida desde o nascimento, passando pela morte da mãe, a sujeição ao work escravo na infância, a privação do acesso ao ensino formal, o aprendizado da escrita com um cego cantador, a recusa ao seu work por uma grande editora de folhetos, a impressão de sua obra em um prelo manual, a migração do nordeste para o sudeste do país, a pobreza e a vida em periferias de grandes cidades, a não aceitação de seu work por seus pares na Feira de São Cristóvão(RJ) e, finalmente, o encontro com pesquisadores e instituições de proteção e apoio às expressões folclóricas e a realização de seu projeto de ser um poeta de cordel. A partir da relação que estabeleceu com os pesquisadores Cáscia Frade (então diretora da Divisão de Folclore do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural) e Bráulio do Nascimento (à frente do Instituto Nacional do Folclore), o poeta até então recusado pela maior editora de folhetos do país e pelos poetas que se reuniam no principal ponto para a venda de folhetos do Rio de Janeiro, encontrou novos caminhos para a realização de seu work: a realização de palestras em escolas e universidades, alcançando notável reconhecimento. Inaugurou em 1983, com uma exposição sobre sua vida e obra, a Sala do Artista Popular, do então Instituto Nacional do Folclore. A trajetória e produção de Jota expressam um dos mundos possíveis, ou formas possíveis de ser poeta e fazer cordel, engendrando novos circuitos para a prática.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: